



## Oralidade e cultura popular na sala de aula

Andrea do Roccio Souto\*  
Jucinéia Narciso dos Santos\*\*

**Resumo:** O Programa de Alfabetização Regional é idealizado e mantido pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. O Projeto "Leitura na escola: os clássicos na sala de aula" insere-se no referido Programa e sua área de aplicação corresponde à região da Unoesc, Campus de Xanxerê. Com o objetivo de levar a leitura dos textos literários chamados clássicos algo para a sala de aula, o Projeto atinge as escolas de educação básica, em todos os níveis de ensino. Aqui, relatamos uma dentre as tantas experiências que têm feito desta prática um modo pelo qual os pequenos e jovens leitores compreendem e conhecem elementos do sistema literário, apropriando-se da cultura. A experiência aqui enfocada envolve a cultura popular e a oralidade, partindo de uma adaptação para o vídeo de *O sítio do pica-pau amarelo*, de Monteiro Lobato.

**Abstract:** The Regional Literacy Program is idealized and maintained by the University of the West of Santa Catarina. The Project "Reading in the school: the classic in the classroom" is part of this Program and its application area corresponds to the Unoesc Xanxerê's Campus. With the objective of taking the texts considered literary classics to the classroom, the Project reaches the Basic Education Schools in all the teaching levels. In this article, we told one among so many experiences that have been making this practice a way in which the small and young readers get to understand and to know elements of the literary system, and also to apprehend the culture. The focused experience involves the popular culture and the orality, based on an adaptation of *Sítio do Pica-pau Amarelo*, by Monteiro Lobato, to video.

**Palavras-chave:** oralidade; cultura popular; *O sítio do pica-pau amarelo*, *Histórias de Tia Nastácia*.

**Keywords:** orality; popular culture; *O sítio do pica-pau amarelo*, *Histórias de Tia Nastácia*.

Integrado à nova proposta pedagógica para formação de profissionais da educação básica na Unoesc, o Projeto "Leitura na escola: os clássicos na sala de aula" apóia-se em pressupostos formativos comprometidos com uma qualificação profissional que compreenda competência técnico-científica e política, sensibilidade ética e solidariedade social, questões que passam pela, sobretudo via leitura literária, tanto no âmbito da universidade, quanto nas escolas de Educação Básica para as quais o projeto é levado pelos acadêmicos. Seja na Educação Infantil, seja no Ensino Fundamental, seja no Ensino Médio, a atuação dos

\* Doutora em Letras (UFRGS), professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina - Unoesc, coordenadora do Projeto "Leitura na escola: os clássicos na sala de aula", no Campus de Xanxerê. Dentre os artigos publicados, destacam-se "Percurso identitário em Saramago: quem é *O homem duplicado?*" (2007), "Da reescritura mítico-literária: *Édipo Rei*, *Édipo* e *A verdadeira história de Édipo Rei*" (2005) e "A literatura como trânsito, a leitura como passagem" (2003). E-mail: doroccio@terra.com.br

\*\* Acadêmica do 3º período de Pedagogia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc/Campus de Xanxerê), bolsista do Projeto "Leitura na escola: os clássicos na sala de aula", que desenvolveu Plano de Trabalho referente ao folclore, à tradição oral e ao vídeo *Histórias da Tia Nastácia*. E-mail: jucineianarciso@correios.net.br

acadêmicos envolvidos no Projeto “Leitura na escola: os clássicos na sala de aula”, o qual se insere numa perspectiva maior, denominada Programa de Alfabetização Regional, objetiva tornar a leitura dos textos literários chamados clássicos algo para além da decodificação de letras/palavras ou da preparação de fichas de leitura e resumos.

Pela temática norteadora, o Projeto parte da inter-relação de dois pontos: o de que “a obra literária não está isolada, mas faz parte de um grande sistema de correlações” (CARVALHAL, 2004, p. 48) e o de que os clássicos são textos que nunca deixam de dizer o que tinham para dizer (CALVINO, 1993), de modo que são re-significados a cada nova geração de leitores. Nesse sentido, o papel do leitor – e friso novamente: tanto o universitário quanto o da educação básica – é ativo, ele não só acompanha a leitura para entrar no texto por suas diversas brechas, mas interfere na produção de leitura, como sugere BARTHES (1992, p. 46-47):

certamente, o texto clássico é incompletamente reversível (é modestamente plural): a leitura desse texto se faz uma ordem necessária, cuja análise progressiva estabelecerá precisamente sua ordem de escritura; mas comentar passo a passo é renovar as entradas do texto, é evitar estruturá-lo *demais*, atribuir-lhe esse suplemento de estrutura que lhe viria de uma dissertação e o bem fecharia: é estrelar o texto ao invés de compactá-lo. [grifo do original]

O estrelamento do texto ocorre porque, na medida em que o leitor associa a presente leitura a leituras anteriores, efetivas ou por ouvir dizer, e mesmo via cultura de massa, fenômeno que alcança os clássicos frequentemente, pode processar diferentes entradas no texto, propondo saídas nem sempre percebidas pelo leitor comum. Em outras palavras, a leitura torna-se jogo – exercício de prazer.

O Projeto “Leitura na escola: os clássicos na sala de aula”, iniciado em maio de 2007, objetiva, portanto, despertar os sentidos para os clássicos literários e o exercício da leitura como fonte lúdica de aprendizagem cultural. Apresento aqui um breve relato das atividades desenvolvidas, as quais estão pautadas na inter-relação professor-aluno, no que diz respeito à experimentação literária, de forma que as atividades se processem tanto na preparação, na discussão e na reflexão acerca das práticas, quanto na aplicação das atividades planejadas.

O grupo é composto de acadêmicos oriundos de diferentes cursos de Licenciatura (Letras, História e Pedagogia), que, não obstante as especificidades, compartilham uma linha comum no que diz respeito ao processo de formação docente. Assim, desenvolvem uma dinâmica peculiar de trabalho, composta de sessões de estudo e orientação com a professora responsável pelo Projeto, nas quais planejam e fundamentam seus planos de trabalho, que, em etapa posterior, avaliados e reestruturados constantemente, são levados à sala de aula para aplicação junto aos alunos da Educação Básica.

No que diz respeito à atuação dos acadêmicos, há planos de trabalho voltados para a Educação Infantil; para a primeira etapa do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Dentre o material que os planos de trabalho abordaram em 2007, figuram textos literários tais como *Os três porquinhos*, *Cinderela*, *Branca de Neve*, *O soldadinho de chumbo* e *O patinho feio*; períodos literários: Renascimento na Europa, Barroco no Brasil e em Portugal, Vanguardas e Modernismo na Europa e no Brasil; e cultura popular e tradição oral, em face da literatura infantil: o folclore n’*O sítio do pica-pau amarelo*. Mais adiante farei menção a esse último trabalho, que resgatou com exemplar propriedade as questões da produção oral e da cultura popular junto aos pequenos leitores.

Fundamentam os planos de trabalho construídos pelos acadêmicos textos de autores importantes para o pensamento crítico-literário: Italo Calvino (1993), Ana Maria Machado (2001;2002), Tania Carvalhal (2003;2004), Roland Barthes (1992), Regina Zilbermann (1982), Nely Novaes Coelho (2000), discutidos em grupo. Tal lastro crítico-teórico foi selecionado com vistas a que também os acadêmicos exercitassem, conscientemente, a leitura literária ativa quanto ao material que pretendem trabalhar, mas não só. Aliado a isso, as discussões buscavam agregar o “ler por ouvir dizer” de CALVINO (1993) e a tradição literária firmada pela oralidade.

A literatura e as demais representações culturais, de modo geral, podem ser compreendidas como espaço de criação e, portanto, de re-significação, dado ser praticamente impossível não perceber as relações que se estabelecem. A leitura tem via dupla: pode se dar como resposta a texto lido anteriormente, pode se dar como novidade. Mas o fato é que a produtividade textual – riqueza legada por KRISTEVA (1978), a partir de seus estudos bakhtinianos – indica que o processo da escrita se afirma como resultado do processo de leitura, vinculada a leituras anteriores. Assim, um texto remete sempre a outro(s), por absorção ou réplica, seja temática, seja estrutural, do que se estabelece um constante e infindável diálogo. Portanto, a leitura do texto literário converte-se em espaço de jogo e construção, tanto em relação ao texto como em relação ao leitor.

Considerando a escolarização da leitura e a proposta de formar leitores críticos, isto é, aqueles cuja leitura vai além da decodificação da letra escrita, é imprescindível empreender produtivas articulações entre cultura e literatura, via análises e relações “entre texto/contexto, produção/consumo, escrita/leitura, estético/político, e até mesmo deslocando as fronteiras dos estudos literários em relação a outros campos do conhecimento” (BITTENCOURT, 2001, p. 9), justamente no espaço privilegiado para tal: o ambiente escolar – e aqui nos referimos tanto à Educação Básica quanto ao Ensino Superior. Sendo a universidade, por excelência, espaço

de discussão, e voltando-se este Projeto para os acadêmicos das licenciaturas, isto é, dos cursos de formação de professores, nada mais indicado que se aprofundem o pensar e o fazer referentes à produção literária e cultural – seja escrita, seja oral –, numa franca articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Nesse sentido, o objeto de estudo e ação que este Projeto elege diz respeito aos clássicos literários, incluindo-se aí textos da tradição oral e da cultura popular, fábulas, mitos, tragédias, comédias, romances e poemas que, ultrapassando e apagando fronteiras de espaço e tempo, são, ainda hoje, identificadores da cultura ocidental, seja por si mesmos, seja pelas relações intertextuais e interdiscursivas que propõem – até porque, como diz Calvino (1993), os clássicos exercem uma tal influência particular sobre seus leitores, quando se impõem como inesquecíveis, que, ocultados nas dobras da memória, mimetizam-se como inconsciente coletivo ou individual, sendo constante e incessantemente re-significados a cada nova geração de leitores.

Uma das experiências que evidenciou esse processo diz respeito ao trabalho com as personagens do Sítio do pica-pau amarelo, mais especificamente as *Histórias de Tia Nastácia*, de Monteiro Lobato (1995), em que o folclore e a tradição oral se revelam por intermédio da vivência das crianças: a cultura oral entra na escola pela porta da frente, deixa de ser visitante para tornar-se companheira de aprendizagens e brincadeiras, de descobertas e reflexões de uma turma de 3ª série, na região oeste de Santa Catarina, levada pelas mãos da acadêmica Jucinéia Narciso dos Santos, do curso de Pedagogia. A acadêmica justifica sua opção pelo fato de “o Folclore Brasileiro [...] ser muito importante para a nossa cultura e estar de certa forma ligado à realidade dos alunos, já que muitos deles não têm em casa acesso a histórias dos livros e sim a histórias contadas de pai para filho”<sup>1</sup>.

O trabalho partiu de uma discussão acerca da *Lenda do boto cor de rosa*, surgida na Amazônia, e fizeram ilustrações do que mais gostaram na lenda. A bolsista aproveitou o momento para comentar a respeito das superstições e credences populares, e cada aluno tinha também uma história pra contar, que ouviu do pai, da avó, do padrinho... Em seguida, com base no material oferecido pela professora, observando os dados e relatos das diferentes regiões do país, construíram uma definição coletiva de folclore. Os alunos trouxeram à discussão, além do conteúdo lido, histórias, lendas e personagens que conheciam, dando corpo à tradição oral e à cultura popular.

---

<sup>1</sup> Relatório referente às atividades desenvolvidas junto ao Projeto “Leitura na escola: os clássicos na sala de aula”.

Na seqüência, as crianças assistiram ao vídeo *Histórias da Tia Nastácia* (2001)<sup>2</sup>, baseado na obra lobatiana, e foram comentando suas referências preferidas, o que tinha a ver com lenda, com fábula, com figuras do folclore e elegendo o que mais lhes chamou a atenção. Jucinéia esclarece que, no vídeo, “organiza-se uma festa junina, cultura popular que expressa oferenda aos santos na época da colheita. No decorrer do episódio, Tia Nastácia conta histórias que pertencem ao folclore e à cultura oral; também Dona Benta faz breves comentários sobre o significado e origem do folclore”. De cada história que a cozinheira contava, apareciam no sítio as personagens. Ela contou, por exemplo, histórias como *A festa no céu*, *O rabo do macaco*, *O coelho e o jabuti*, *A formiga e a neve*, *O monstro Manjaléu*, etc. A Cuca esperava também a sua história, mas, como não pronunciaram seu nome, ficou furiosa e resolveu vingar-se, prejudicando os preparativos da festa junina, fazendo com que aparecessem no sítio as formigas famintas e o Monstro Manjaléu, resultando daí muito confusão. Entrementes, Dona Benta ia falando para as crianças que o folclore é a sabedoria popular, isto é, são as histórias que o povo conta para explicar as coisas, e que a Cuca e o Saci fazem parte dessas histórias. Explicava que esses relatos eram contados pelos escravos, sendo que a mistura dos povos enriqueceu ainda mais o nosso folclore.

Na seqüência, os alunos contaram alguma lenda ou história passada de pai para filho. Os alunos puderam se expor em suas apresentações, contando as histórias do Lobisomem, da Mula-sem-cabeça, do Saci Pererê, entre outros, e cantigas de roda, com a participação de todos. A acadêmica-bolsista também se projetou na proposta, dramatizando a *Lenda do Negrinho do Pastoreio*. Após, sua origem foi discutida, e Jucinéia destacou que “essa lenda é meio africana/meio cristã, envolvendo o fim da escravidão, bastante popular em nossa região”.

Nos encontros seguintes, foram preparadas e apresentadas breves dramatizações de lendas selecionadas pela acadêmica-bolsista: a *Lenda da Iara*, a *Lenda do guaraná*, a *Lenda da mandioca*, a *Lenda da mula-sem-cabeça*, a *Lenda do Saci Pererê* e a *Lenda do Curupira*. No decorrer das atividades, as crianças iam fazendo comentários de como suas famílias conheciam as histórias, mas as contavam diferentemente, o que suscitou a reflexão acerca do poder da palavra, no sentido de que ela perpetua a cultura de um povo.

O fechamento das atividades resgatou a festa que encerra o vídeo *Histórias da Tia Nastácia* (2001), com pesquisas, comentários e preparações sobre as demais expressões

---

<sup>2</sup> O livro foi publicado por Lobato em 1937, narrando a tia Nastácia as histórias mais populares do folclore brasileiro. A acadêmica Jucinéia utilizou em seu Plano de Trabalho a versão dessas histórias em vídeo, o qual foi ao ar pela Rede Globo de Televisão, no início dos anos 2000.

folclóricas: danças, folguedos, brincadeiras, comidas... As crianças construíram um Livro de Receitas Folclóricas, com recorte e colagem, contendo receitas, principalmente, de comidas de festas juninas, como bolo de milho, pé de moleque, etc. A confraternização de encerramento dos encontros se deu com as comidas típicas e brincadeiras pesquisadas anteriormente.

Importa referir que tal experiência, vivenciada junto a crianças da Educação Básica, não passa ao largo dos acadêmicos. Mesmo sob outros enfoques e assuntos, também eles constroem nos estudos e na aplicação de seus projetos espaços lúdicos de investigação, pesquisa e debate, desvelando questões vinculadas ao conteúdo literário das obras, aos autores, aos períodos, aos gêneros, à crítica literária e à relação que a Literatura estabelece com outras áreas de conhecimento através da produção ficcional e da tradição oral, assumindo-se como leitores ativos, na medida em que partem dos clássicos ocidentais para articular ensino, pesquisa e extensão via prática pedagógica.

Nesse sentido, o Projeto “Leitura na escola: os clássicos na sala de aula”, integrando o Programa Alfabetização Regional, tem suas propostas delineadas na lógica do próprio processo formativo que vem sendo construído nos cursos de licenciatura, buscando contribuir para a formação de leitores numa perspectiva tal que transcende a leitura como ferramenta de decodificação, elevando-a a instrumento de sobrevivência, fonte de conhecimento, espaço de criação e lugar de prazer.

## **Referências**

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. GUINSBURG, Jaime. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BARTHES, Roland. *S/Z: uma análise da novela “Sarrasine” de Honoré de Balzac*. Trad. NOVAES, Léa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. Apresentação. In: *Colóquio Sul de Literatura Comparada: Trans/versões comparatistas. Anais...* \_\_\_\_\_. (Org.). Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, PPG/Letras, 2002. p. 9-12.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2004.
- CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio. Ensaios de Literatura Comparada*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

- HISTÓRIAS da Tia Nastácia. Brasil, TV Globo, 2001, sistema NTSC/VHS, 100 min. Sem legendas.
- KRISTEVA, Julia. *Semeiotike: recherches pour une sémanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. São Paulo: Objetiva, 2002.
- MACHADO, Ana Maria. *Texturas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MOTEIRO LOBATO. *Histórias de Tia Nastácia*. 32. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- PERRONE-MOISÉS. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1993.
- SEMINÁRIO Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro. Folclore e cultura popular. 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2000.
- SOUTO, Andrea do Roccio. *Relatório Final do Projeto “Leitura na escola: os clássicos na sala de aula”*. Xanxerê: Unoesc, 2007. [versão eletrônica]
- ZILBERMANN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 2. ed. São Paulo: Global, 1982.